

incide sobre pensamento de S. Tomás e a mundialização. Completam o volume um índice de nomes e outro de assuntos.

Numa altura em que, de vários lados, se assiste a um retorno da filosofia ao Doutor Angélico, saúda-se muito positivamente este volumoso livro que lhe é dedicado.

JORGE COUTINHO

CAPELLE-DUMONT, Philippe (dir.), **Philosophie et Théologie dans la Période Antique. Anthologie – Tome I** (dirigé par Jérôme ALEXANDRE), coll. «Philosophie et Théologie», Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2009, 400 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08176-4.

Primeiro de quatro volumes previstos (em que colaboram 90 especialistas) e de dois já editados – veja-se, a seguir, sobre o vol. II –, inclui, nas primeiras páginas uma introdução geral de Philippe Capelle-Dumont (pp. I-XIII) e uma introdução ao volume I por J. Alexandre (7-27). O primeiro explica a evolução histórica, o valor científico e a especificidade do género literário «antologia», que justificam uma publicação como a presente. No essencial, isso decorre de, na antologia, se tratar de um «florilégio» e um «tesouro», nomes metafóricos que em épocas passadas a designaram: «um para acentuar a dimensão de variedade, o outro para lhe exprimir o raro e o inestimável» (p. III). De todo o modo, uma antologia histórica representa uma tradição viva, concentrada nos textos nucleares em que anda «narrada» uma determinada problemática. No caso a da relação entre filosofia e teologia.

A longa história desta relação é dividida por Ph. Capelle-Dumont em oito principais

determinações, por ele assim designadas: 1 – A recapitulação cristo-teológica (É Cristo quem realiza o acabamento da história. Paulo, Ireneu...); 2 – A assimilação teológica; 3 – As lógicas disjuntivas (de separação não colaborante entre filosofia e teologia); 4 – O acabamento (*accomplissement*) filosófico (a filosofia como última palavra); 5 – A inclusão recíproca; 6 – A integração teológica (algo de divino anda latente na própria razão filosófica); 7 – A neutralidade ontológica (Heidegger); 8 – O impossível (a filosofia sem capacidade para dizer algo sobre Deus, sem que todavia deixe de remeter para «o excesso do mundo»).

Por sua vez, na sua própria introdução, J. Alexandre oferece um estudo com a sua maneira de ver a variedade e a evolução da relação entre filosofia e teologia na antiguidade, período contemplado neste primeiro volume.

Os textos deste são extraídos de Platão, Aristóteles, estoicismo, epicurismo, Cícero, Séneca, Filão de Alexandria, gnosticismo, Epicteto, Marco Aurélio, Justino, Ireneu de Lyon, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Plotino, Lactâncio, Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa, Evagrio, Ambrósio, Agostinho, Cirilo de Alexandria, Proclo, Dionísio Areopagita, Boécio, Máximo Confessor e João Damasceno. O esquema de apresentação de cada autor é uniforme: uma breve introdução sobre a sua vida e obra, o contexto histórico e a orientação fundamental na problemática em causa; seguem-se os textos antológicos e uma pequena bibliografia activa e passiva.

A par com os demais volumes, trata-se de uma recolha que não conhece nenhuma semelhante no universo editorial filosófico. Ela constitui, sem dúvida, um precioso instrumento para os investigadores, os professores e os estudantes.

JORGE COUTINHO